

lapsus

Número 15

Publicação dos
Associados do IPB

EDITORIAL

Chegamos a décima quinta edição de Lapsus e como qualquer trabalho, o desejo está sempre implicado, princípio básico para aqueles que tomam a psicanálise como norte, doutrina que orienta. Este editorial tem como objetivo uma provocação necessária pela força das circunstâncias. Hoje somos em maior número do que éramos no início e como todo movimento no universo que habitamos estamos em um momento cuja organização requer uma tentativa de leitura no intuito de um relançamento de questões que nos causam enquanto grupo. Afinal, que eficácia tem Lapsus para o Instituto? No espaço de um lapso, de que modo a Lapsus, publicação dos alunos do IPB, se coloca?

Para lançar possibilidades - e não respostas - a essa pergunta inicial, terei de fazer uma volta: Lacan com Aristóteles. Referindo-se ao cogito cartesiano como um momento historicamente definido como correlato ao nascimento do sujeito da ciência, Lacan, em *A ciência e a verdade*, o define como o desfilamento do rechaço de todo saber ao pretender fundar para o sujeito um certo ancoramento no ser, sendo este termo, sujeito da ciência, tomado no sentido de 'porta estreita'. Entretanto, o sujeito aqui em questão, paradoxalmente, como disse Lacan, é o mesmo sobre quem operamos em psicanálise.

Como afirmou Lacan, não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito. Vale

sua conhecida observação de que por nossa posição de sujeito somos sempre responsáveis. E mais: que o erro de boa fé é dentre todos o mais imperdoável. O status do sujeito na psicanálise é estabelecido a partir de uma estrutura que dá conta do estado de fenda em que o psicanalista o situa em sua *práxis*. Nesse sentido, não é possível contar, como na ciência com uma causa final definida por Aristóteles como aquilo que fazemos para se obter um fim, sendo esta incapaz enquanto potencia para nos sustentar naquilo que entendemos como um elemento que agrega valor em nossa formação.

Refutada a causa final como aquilo que poderia nos sustentar, recorrerei a algumas coisas do nosso conhecimento na tentativa que enunciei acima. Ainda em 'A ciência e a verdade' Lacan pergunta se o objeto da psicanálise não é outro senão aquilo que ele já expôs sobre a função que nela desempenha o objeto a! Não o saber sobre este objeto mas sua consideração na estruturação do sujeito, o que constitui o campo psicanalítico propriamente dito. Em uma vertente complementar, Lacan é enfático quando afirma que será preciso indicar que a incidência da verdade como causa na ciência deve ser reconhecida sob o nome de causa formal! Diz assim para esclarecer que a psicanálise, ao contrário, coloca acento na causa material e define que assim se deve qualificar sua originalidade em relação à ciência. Em tempos de pulverização do significante 'eficácia' como marca distintiva da causalidade formal nos campos que conjugam saber e verdade, retomar o próprio da nossa eficácia me surgiu como uma possibilidade de nos provocar.

A eficácia de Lapsus não pode estar nem em uma causa final muito menos formal e sim na possibilidade de ser um significante na cadeia referente a nossa formação, ou seja, causa material que pode veicular aquilo que nos divide ou move (a) cada momento da nossa trajetória que, como sabemos, a escrita está sempre implicada. Desse modo, reiteramos o convite inicial a todos: utilizemos e cuidemos deste espaço que criamos e nos tornamos responsáveis, como diria Exupéry. Termino aqui na expectativa de ter cumprido ao menos um pouco do que me propus.

Boa leitura a todos!

Anderson Viana

SUMÁRIO

TEXTOS	4
As manifestações da pulsão de morte	4
Ethel Poll	
As conversações dos laboratórios do CIEN: uma aposta na invenção singular	8
Mônica Hage Pereira	
Um tipo de controle	10
Leandro Borges	
POESIA	14
Para provocar inquietude	14
Mario Quintana	

Sobre as manifestações da pulsão de morte

Ethel Poll

No livro *A Violência sintoma social da época*, E. Laurent em entrevista é indagado se na atualidade vivemos uma violência maior que a de outras épocas, ao que responde que devemos estar atentos às diferenças históricas que delineiam como em cada período se manifesta a violência, a pulsão de morte. Acrescenta que o que vivemos hoje é uma violência individual terrível, diferente da violência organizada de massa, caracterizada pelas grandes guerras no século passado. Os parâmetros se modificam, diz Laurent, e não chamamos de violência o mesmo inominável das manifestações da pulsão de morte, de outras épocas.

Como articular a violência que vivemos hoje com a tendência agressiva da pulsão de morte descrita por Freud em 1920? Violência e agressividade seriam duas faces da mesma moeda? Com estes questionamentos buscamos avançar com Freud e Lacan, tentando demarcar algumas especificidades inerentes a estas perspectivas.

No texto, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905, Freud já apontava para o caráter agressivo da sexualidade infantil. Constatava neste momento a existência de uma pulsão de origem não sexual que se dirige, desde muito cedo, para o exterior, dominando a fase da organização pré-genital, a qual chamou de pulsão de dominação. O que encontramos nesta fase é uma ânsia de incorporação e dominação, não importando o dano ou aniquilamento do objeto. Freud nos mostra aqui o caráter

sádico do desenvolvimento da sexualidade (Freud, 1905, p. 180).

Ao elaborar em 1915 os destinos das pulsões, Freud ratifica o que vinha desenvolvendo a respeito das pulsões até então e formaliza seu primeiro dualismo pulsional, pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. Neste momento, a pulsão agressiva não é ainda o tema posto em relevo por Freud, mas não podemos deixar de situar a forma que ele a compreende nos destinos da pulsão.

Na vicissitude de reversão ao seu oposto e retorno ao próprio eu, no que se refere ao par sadismo masoquismo, Freud nos apresenta toda uma elaboração para nos mostrar como um impulso agressivo que tem uma finalidade ativa de torturar transforma-se na finalidade passiva de ser torturado, resguardando as diferenças específicas de cada um destes destinos.

Com a análise do destino da pulsão de reversão ao seu oposto, no que tange a mudança de conteúdo, o par amor e ódio é amplamente discutido sob a forma de como o ego se relaciona com os objetos. Assim, se o objeto for fonte de sensações prazerosas, uma ânsia procura trazer o objeto para perto do ego; é deste modo que Freud diz que podemos falar que "amamos" tal objeto. Por outro lado, o ego odeia e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que signifiquem a satisfação sexual ou das necessidades de autopreservação. Desse modo, Freud afirma que os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se (Freud, 1915, p. 159-0)

Apesar desses desenvolvimentos teóricos acerca da presença de impulsos agressivos, é somente em 1920, no texto *Mais além do princípio do prazer* que Freud dará a

pulsão agressiva seu devido reconhecimento no funcionamento do aparelho psíquico e a denominará de Pulsão de morte.

O princípio do prazer é, então, colocado em xeque; as evidências da compulsão à repetição, na análise dos sonhos traumáticos, nas brincadeiras infantis, nas resistências ao trabalho analítico, revelam um caráter que remontam algo que desde o início somente produziram desprazer. Freud revê, assim, sua teoria pulsional lançando um novo dualismo; pulsão de vida e pulsão de morte.

Em Lacan, a questão da agressividade pode ser situada no início do seu ensino quando ele retoma a questão da pulsão de morte freudiana, sendo compreendida como constitutiva da primeira individuação do sujeito, posta em evidência no estágio do espelho. O objeto humano, diz Lacan, é originariamente mediatizado pela via da rivalidade, pela exacerbação em relação ao rival. É uma relação de alienação porque é primeiro no rival que o sujeito se apreende como eu. Assim, a agressão é entendida como uma realidade vital, um ato existencial ligado a uma relação imaginária (Lacan, 1954, p.204-5).

Em 1958, no Seminário *As formações do inconsciente*, Lacan elabora a questão da agressividade dentro do plano narcísico, situando seu caráter ambíguo e advertindo que a agressividade provocada na relação imaginária com o pequeno outro não pode confundir-se com a totalidade do poder agressivo.

Lacan, nesse momento, demarca uma oposição entre violência e agressividade. O que é da ordem da agressividade, uma vez que foi ingressado na estrutura da fala, ou seja, na articulação significante, pode ser simbolizado e captado pelo mecanismo do recalque, o que permite que seja analisável e interpretável. Já a violência "[...] é o que há de essencial na agressão", é o contrário da fala, não podendo ser recalçada." (Lacan, 1958, p. 471).

A violência, nessa perspectiva, rompe com o sentido e nos direciona ao real, nos revela o abalo do traumatismo no corpo, ali onde "Há Um", há gozo uno, sem nenhuma referência ao Outro.

Referências

Barros, R.R. A violência e seus limites. Opção Lacaniana On-line n. 13.

Freud, S. *Três ensaios da teoria da sexualidade (1905)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XII. Rio de Janeiro. Imago, 1987.

Freud, S. *As pulsões e suas Vicissitudes (1915)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Freud, S. *Além do princípio do prazer (1920)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Freud, S. *O mal estar na civilização (1930)*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XXI Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Machado. O.M.R.; Derezensky, E.(Orgs) . Psicanálise e violência: sobre as manifestações da pulsão de morte. Entrevista com Éric Laurent. In: *A Violência sintoma social da época*. Belo Horizonte. Scriptum, 2013.

Machado, O.M.R. Violência e feminização do mundo. In: *A Violência sintoma social da época*. Belo Horizonte. Scriptum, 2013.

Lacan, J. O Seminário Livro 5. *As formações do inconsciente (1957-58)*. Rio de Janeiro. J. Zahar, 1999

Lacan, J. O seminário Livro 1. *Escritos técnicos de Freud (1953-54)*. Rio de Janeiro. J. Zahar, 1986.

As conversações dos laboratórios do CIEN: uma aposta na invenção singular

Mônica Hage Pereira

O CIEN (Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança) é uma instância internacional, ligada aos Institutos do Campo Freudiano, que foi criado em 1996 por Jacques-Alain Miller e é coordenado por Judith Miller. Funciona na forma de laboratórios de investigação. Cada laboratório elege um tema de pesquisa que causa a conversa entre seus integrantes, geralmente profissionais de diversas disciplinas : médicos, psicólogos, juristas, professores, etc. O laboratório busca abordar, de forma inter-disciplinar, as dificuldades encontradas pelas crianças e adolescentes no laço social.

No cotidiano do trabalho institucional, quando o real se apresenta sob a forma de um impasse, o CIEN poderá propor um convite à conversação visando fazer acontecer a experiência inter-disciplinar.

Mas, em que consiste a inter-disciplinaridade com hífen?

Pensemos, primeiro, sobre as Instituições. Segundo Laurent(1), "as instituições são necessárias a partir do ideal do dever humanitário. Mas, há que precisar que este imperativo moral, esta chamada ao universal, se impõe quando o discurso do mestre já não pode tratar uma contradição. As instituições recusam os nomes dos restos impossíveis de tratar. O 'incurável' caracteriza as instituições sanitárias, o 'ineducável' o Ministério da Educação, o 'incivilizável' o Ministério da Justiça..."

Desses "restos impossíveis de tratar", quem se ocupará?

Esses "restos" fazem corte na rotina do trabalho dos profissionais, fixada nos protocolos institucionais,

deixando a experiência aberta, em suspenso, a um tempo de compreender. Nas particularidades dessa abertura surge o hífen, como o intervalo necessário para que algo novo possa surgir, novas ficções a partir de um saber inédito.

O traço da política do CIEN é inserir a conversação nessa abertura, nesse intervalo.

A conversação é um dispositivo clínico, criado nos anos de 1990 por Jacques-Alain Miller, com a finalidade de abrir o campo da investigação ao diálogo da Psicanálise com outros discursos que incidem sobre a criança. Segundo Miller(2), "não se trata de produzir uma enunciação coletiva, senão uma associação livre coletiva, da qual esperamos um certo efeito de saber. Quando as coisas me tocam, os significantes de outros me dão ideias...e, finalmente, resulta - às vezes - em algo novo, um ângulo novo, perspectivas inéditas."

Laurent(3) adverte que apesar da conversação ser instalada pelo "dom da palavra", por não se tratar de uma tagarelice qualquer, é preciso saber que o corte terá lugar, e assim o gozo do blá-blá-blá ficará suspenso. Na conversação, não se trata de se deixar levar, mas de intervir para que o dizer possa desfazer o que foi feito pela palavra. Interferir para que cada um possa se escutar, mas respeitando o impossível de dizer de alguns.

As conversações inter-disciplinares do CIEN permitem, segundo Judith Miller(4), "abrir espaços onde a subjetividade de cada um possa encontrar um lugar." Ao darmos a oportunidade de se tomar a palavra, atentos ao que escapa e não se encaixa nas normas, teremos a chance de "recolhermos efeitos de sujeito".

Motivados por essa aposta de trabalho, em 2013, foram criados dois laboratórios do CIEN na Bahia: "Adolescência e Sexualidade" e "A criança na hipermodernidade". A partir dos impasses vivenciados nas instituições, surgem demandas,

e os laboratórios propõem conversações nas escolas, abrigos para menores, etc., apostando sempre que, quando já não se encontram invenções possíveis frente ao real, na contingência do encontro, um saber inédito poderá surgir.

A cada dois meses, realizamos na sede do IPB, a conversação entre os laboratórios. Nesta ocasião, reunindo o trabalho produzido em cada um deles, fazemos uma grande conversação, aberta ao público em geral. Convidamos todos que tenham uma prática institucional com crianças ou adolescentes, ou que simplesmente tenham interesse nessa conversa, a compartilhar conosco a sua experiência!

Referências

1-Laurent, E. Segregación y diferenciación. Dossier - El Niño nº6.

2-Miller, J-A. [et al]. La pareja e el amor: conversaciones clinicas con Jacques Alain-Miller em Barcelona. Buenos Aires: Paidós, 2005.

3-Laurent, E. Retomar la definición del proyecto del Cien y examinar su situación actual. Apresentado no IIº Colóquio do CIEN, "El don de la palabra".

4-Miller, J. Os corpos falam, como responder? V Jornada Internacional do CIEN. Rio de Janeiro. 2011.

'Um tipo de controle'

Leandro Borges

"Agimos como se soubéssemos alguma coisa. No entanto, não é tão certo que a hipótese do inconsciente tenha mais peso que a existência da linguagem". (Lacan, 1956)

A experiência de fazer um recorte de um caso e apresentá-lo numa seção clínica do Instituto de Psicanálise da Bahia foi o que me inquietou e me moveu a escrever este breve texto. Parto da posição de um analista em formação que busca suprir sua falta no que se refere à orientação da prática analítica, no sentido puro da questão. Isso quer dizer que quando me dirijo ao Outro para apresentar e discutir um caso suponho poder obter um olhar mais amplo, mais esclarecido, e a possibilidade de uma voz mais eficaz, tanto no que tange a teoria, como na condução do caso em si. Freud em 1919, no texto "A História do Movimento Psicanalítico" introduziu o termo controle no seio da comunidade analítica. Ele propôs que o psicanalista submetesse sua prática ao controle de outro analista, para que fossem observados os princípios dessa prática. Não quero dizer com isso que a apresentação de um caso, numa sessão clínica trata-se de um controle especificamente, mas faço essa relação por conta e risco, a partir de minha experiência, pois a mesma se inscreveu enquanto efeitos de 'um tipo de controle'. Digo 'um tipo de controle' porque, numa sessão clínica, há uma passagem pelo Outro, aquele que conduz, e até certo ponto controla a sessão. Isso por si já estabelece intrinsecamente uma hierarquia e, conseqüentemente, 'um tipo de controle'.

Freud insistiu que o controle incidisse diretamente sob o modo de praticar a psicanálise e de como o analista conduziria o tratamento dentro dos preceitos dessa prática. Na fundação de sua Escola, Lacan retoma as palavras de Freud e apresenta, em 1964, o texto "Ato de Fundação", propondo "que se restaure a sega cortante de sua verdade". Ele faz críticas severas aos desvios que degradam o emprego da psicanálise e, propõe um controle interno e externo da prática da psicanálise. A partir de então, toda inovação passará pelo crivo da Escola: Lacan propõe que ela assegure

o controle da prática daqueles que se vincularem a seus princípios. Lacan privilegia a transferência na prática do controle, por isso, a Escola se abstém de oferecer uma lista de "didatas". Portanto, a escolha do analista por seu controlador deve ser orientada pela transferência de trabalho, e isso, valida uma possibilidade mais viva de trabalho a partir de um desejo que o alimenta. Nessa perspectiva, podemos dizer que o controle proposto por Freud, revigorado por Lacan, é uma forma de saber se estamos dentro dos princípios da psicanálise ou não, ou ainda, se estamos de acordo com sua práxis e ética. Lembrando que a ética que a psicanálise se instala é a ética do desejo, aquela que subverte a moral e barra o gozo desgovernado.

O fato de estar envolvido no tratamento do paciente, seja no que concerne à sua fantasia, aos seus modos de gozo, ou pelo fato de que posso ser capturado e me empolgar pelo caso, são alguns pontos ofuscantes que atestam a importância da passagem da prática, pelo controle especificamente, como garantia para que os objetivos do tratamento análise estejam bem articulados. E a partir desses pressupostos, percebo que encarei toda empreitada de apresentar numa sessão clínica como 'um tipo de controle', tendo em vista que toda experiência se estabeleceu via transferência de trabalho. Houve também 'um tipo de controle' exercido por mim, no que se refere à escolha, à escrita e à apresentação do caso, porque não se tratou de falar por falar, ou escrever "a torta e a direita", sem querer saber nada disso. Fiz um trabalho de extração, busquei um olhar clínico frente ao caso, e assim extraí os ditos da paciente que miram sua relação com seus modos de gozo, com o Outro, com seu corpo, assim como momentos de desestabilização, desencadeamento e repetição.

Foi uma tentativa, por via da escrita, de fazer emergir o que há de singular no caso, de tentar extrair da cadeia do discurso da paciente o elemento carregado de gozo e fora do sentido. Entendo que fiz toda essa construção, na intenção de que na seção clínica se efetivasse 'um tipo de controle', por parte de quem conduz a sessão, e que dele, eu pudesse extrair um saber, e com isso, aumentar as chances de atingir o pedaço de real que se apresenta em minha prática.

Mas o que é a prática psicanalítica? É a ação de levar a teoria a cabo. Trata-se na verdade de uma oposição entre práxis, que implica o ato, e teoria, que é especulativa, contemplativa. Lacan, no *Seminário, livro 11, os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, diz que as práticas são específicas e que a psicanálise é uma *práxis* que pretende dar tratamento ao real por meio do simbólico. É uma *práxis* que pretende tratar o gozo por meio da palavra. Lacan não para por aí, ele vai adiante e faz uma distinção entre a prática e a clínica psicanalítica.

Quando foi inaugurada na França a primeira sessão clínica em Vincennes - Paris, Lacan disse: "é preciso fazer clínica, ou seja, deitar-se". Essa citação carrega certa ironia, pois, para Lacan, há de fato um entrave quando se reúne prática e clínica num mesmo vocábulo, e isso provém fundamentalmente da medicina. Lacan separa o vocábulo e a clínica passa a ser pensada como um saber, mais especificamente como um saber que se sedimenta a partir de uma prática. Então o saber extraído de uma prática é o que Lacan chama de uma clínica.

Enfim, o saber extraído de uma prática se instala em algum lugar, normalmente em livros, que podem estar guardados nas prateleiras, entregues ao pó, ao sabor das traças. Assim, uma seção clínica é um dispositivo que permite espanar os livros, "sacudir a poeira", e, extrair

da prática, um saber, uma clínica, com fins de revificá-la - não para torná-la como um saber constituído, pronto e acabado. Trata-se de pensarmos a clínica proposta por Lacan, como um saber; vivo e mutante, que acompanha a subjetividade de sua época, que é sensível ao Outro social. É a clínica dependente do laço transferencial, do contato "corpo a corpo", da prática analítica. Concluo que minha experiência na sessão clínica, e, a passagem pelo que chamo de 'um tipo de controle', abriu um novo capítulo em meu percurso de formação de analista, e um saber pode ser acrescentado e inscrito.

Referências

- Freud, S. (1976 [1919]). "A História do Movimento Psicanalítico". V XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Harari, A. (1992). "A lógica da Escola". Atas do colóquio da Sociedade Psicanalítica de São Paulo.
- Lacan, J. (2003 [1970]). "Alocução sobre o ensino". In Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1988[1973]). O Seminário: livro 11- os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1977[1956]). "Overture de la section clinique". In Ornicar, (9). Paris: Revue du Champ Freudien, p. 7-14.

poesia

Para provocar inquietude

Mario Quintana

O mais triste de um passarinho engaiolado é que ele se sente bem.

Não, a pior tragédia não é a que tomba inesperada, rápida, definitiva e única como um raio e que até pode ser atribuída a castigo divino... Mas a que se arrasta quotidianamente, surdamente, monótona como chuva miudinha.

Toda opção é um ato de desespero.

A morte é falta de assunto.

Toda tristeza dos rios é não poderem parar.

Não gosto de arquitetura nova, porque a arquitetura nova não faz casas velhas.

Por que será que as pessoas virtuosas parecem que estão sempre representando?

A alma é essa coisa que nos pergunta se a alma existe.

Dizes que a beleza não é nada? Imagina um hipopótamo com alma de anjo... Sim, ele poderá convencer alguém da sua angelitude - mas que trabalhadeira!

Meu Deus, por que será que nos sentimos tão culposos desse olhar interrogativo que nos lançam, às vezes, os cães? Mas culposos de quê?

A psicanálise? Uma das mais fascinantes modalidades do gênero policial, em que o detetive procura desvendar um crime que o próprio criminoso ignora.

A gente adocece, mesmo, é de nome feio recolhido.

LAPSUS ONLINE

A Lapsus também pode ser lida, ampliada, consultada e compartilhada em meio virtual. Contamos com toda a nossa história, no site <http://institutopsicanalisebahia.com.br/lapsus>.
Visitem-nos!

submissão de trabalhos

Convidamos os participantes do IPB a compartilhar com LAPSUS suas ideias, seus temas de investigação e interesse. Os trabalhos poderão ser enviados para o e-mail lapsusibp@gmail.com.

ESPECIFICAÇÕES

- O texto deverá vir com título e nome do autor em tamanho 14, fonte Cambria (títulos), devidamente corrigido e revisado.
- Número de caracteres entre 2500 e 3000 com espaço.
- Fonte Courier New, tamanho 12 e o espaçamento antes 6pt, depois 0pt, entre linhas 1,5.
- Informamos que os trabalhos com vinhetas ou casos clínicos serão analisados criteriosamente pela equipe Lapsus antes da publicação.

*Os trabalhos publicados com assinatura não traduzem necessariamente a opinião dos editores de LAPSUS. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate de questões diversas que transitam por aqueles que integram e frequentam as atividades do Instituto de Psicanálise da Bahia.

expediente

Equipe Lapsus: Anderson Viana, Daniela Araujo, Ethel Poll, Júlia Solano, Paula Goulart, Rogério Barros, Iago Sampaio e Wilker França

Consultor: Bernardino Horne

Contato: lapsusipb@gmail.com